



1

# Revivificar o Palácio de São Marcos de Coimbra

Dinamizar o património, dar sentido ao passado alargando o horizonte de futuro

**Vitor Murtinho** | Arquiteto e professor, Darq\_FCT / CES, Universidade de Coimbra | [vmurtinho@uc.pt](mailto:vmurtinho@uc.pt)

**Fernando Marques** | Engenheiro civil, Universidade de Coimbra | [fmarq@uc.pt](mailto:fmarq@uc.pt)

**César Cerqueira** | Arquiteto, Universidade de Coimbra | [ccerqueira@uc.pt](mailto:ccerqueira@uc.pt)

**Sónia Filipe** | Arqueóloga, Universidade de Coimbra | [sonia.filipe@uc.pt](mailto:sonia.filipe@uc.pt)

1 | Vista geral da Igreja, Casa da Botica (esquerda) e Palácio de São Marcos (direita) antes da intervenção.

**Uma das premissas que melhor sustenta a preservação em Património é a sua fruição. Daí que, por vezes, apenas mantê-lo e preservá-lo não seja suficiente. No caso do Palácio de São Marcos de Coimbra foi determinante a ação de limpeza, de conservação e de melhoria de condições espaciais, sabendo que se estavam a gerar novas oportunidades para uma utilização mais intensiva e digna. Assim, a recente intervenção da Universidade de Coimbra é somente um dos múltiplos exemplos do trabalho desenvolvido neste âmbito pela instituição, mas que permite a formação de uma onda de otimismo quanto ao futuro do nosso património em geral e daquele em particular. Especificamente, todos os trabalhos, superficiais ou mais profundos, desenvolvidos em torno da Igreja de São Marcos (gerando melhores condições para o cumprimento de funções sociais ou litúrgicas) são tratados como uma intervenção exemplar que, sobretudo, pretende garantir um futuro para este Património.**

## INTRODUÇÃO

A intervenção em património cultural classificado é, por natureza, uma questão candente que requer muita sensibilidade e suscita muita ponderação. Desde logo, um dos problemas fundamentais é a definição da equipa projetista, uma vez que, se de um modo geral, os problemas e as necessidades estão devidamente elencados, nem sempre a sua resolução é tarefa imediata ou mesmo exequível. No conjunto edificado do designado Palácio de São Marcos e baseado num mapeamento prévio elaborado pela Direção Regional da Cultura do Centro (DRCC), as prioridades incidiam sobre a igreja do complexo, já que sendo esta classificada como monumento nacional e dadas as patologias

existentes, o seu estado de preservação levantava algumas preocupações. A igreja de São Marcos, cuja história apoteótica se iniciou durante o século XV, possuindo um dos mais importantes conjuntos de arte funerária, é um edifício – tal como muitos outros – que sofreu e pagou duramente os custos da supressão das ordens religiosas em Portugal no século XIX (figura 1). Esse acontecimento ditou muita da sua sorte ou infortúnio e, não fora o interesse manifestado pela Fundação dos Duques de Bragança, em fazerem deste espaço a residência do pretendente ao trono D. Duarte Pio, os estragos neste importante complexo monumental, com um legado artístico ímpar, talvez tivessem sido muito piores pois era pertença de particulares.

## HISTÓRIA

Deve-se a João Gomes da Silva, senhor de Vagos e alferes-mor de D. João I, a decisão testamentária de uma fundação pia na ermida de São Marcos (localizada na freguesia de São Silvestre do Campo no concelho de Coimbra), ocorrida em 5 de janeiro de 1441, originando uma década depois a ocupação local por frades Jerónimos (a doação foi confirmada por alvará de D. Afonso V em 3 de agosto de 1451). Esta função, ininterrupta, teria continuidade até ao particular momento da extinção das ordens religiosas em 1834, acontecimento que, tal como aconteceu em inúmeros outros sítios, ditaria a sorte de abandono e de degradação do mosteiro (Borges, 1987, p. 136-137).

## Intervenções no Património

Após venda do conjunto a privados – sabe-se que em 1834 a igreja e a cerca já eram pertença de José Joaquim Pires de Abreu (Barata, 1878, p. 102) –, ocorreu em 1860, um grande incêndio que destruiria a área principal do complexo monástico, restando apenas a casa da Botica e, felizmente, a igreja com algumas construções anexas. A reabilitação do conjunto, ocorreria em meados do século XX, após aquisição da Fundação da Casa de Bragança e sob o traço do arquiteto Leonardo de Castro Freire. Esta compra e posterior obra de reabilitação teve como intuito a utilização do espaço como residência oficial dos Duques de Bragança, o que veio a acontecer entre 1954 e 1976. A esta ocupação, sucedeu-se a aquisição pelo Estado Português, que a outorgou à Universidade de Coimbra, a partir de 1976, com o objetivo de utilização para a atividades sociais, culturais e científicas e que se perpetuou até à atualidade.

Do conjunto edificado, destaca-se a igreja orientada segundo os canónicos pontos cardeais de nascente-poente, possuindo uma fachada em estilo rococó, com diversos ele-

mentos pitorescos, com uma gallilé definida por três arcos centrais em volta inteira. Na frontaria sobressai uma torre sineira situada na parte norte e que constituiu um elemento de assimetria na geometria compositiva daquele plano. No interior da igreja existe um dos maiores e mais importantes conjuntos portugueses de arte tumular, dos séculos XV e XVI, associados principalmente à família Silva e que foi a justificação principal para a sua classificação como Monumento Nacional em 1910.<sup>2</sup> Assim, encontramos naquele local desde monumentos funerários da autoria de Diogo Pires-o-Velho (cerca de 1481), passando por Diogo de Castilho ou Diogo Pires-o-Moço e estendendo-se até Nicolau Chanterene ou João de Ruão (em 1559). Com uma variedade de estilos associadas ao momento em que as diferentes obras foram desenvolvidas, designadamente gótico, renascentista e maneirista, esta igreja conseguiu reunir no seu interior os melhores artistas das diferentes épocas. A sul da igreja e comunicando com ela, encontra-se um claustro de forma quadrangular, com dois pisos e dividido em três tramos, com dois arcos cada, e que foi reconstruído por Leonardo Castro Freire.

A capela-mor (construída em 1522-1523), em estilo manuelino e projetada por Diogo de Castilho tem frontalmente um peculiar retábulo tripartido e policromado, da autoria de Nicolau Chanterene (figura 2), do lado esquerdo os túmulos de Aires Gomes da Silva e João da Silva elaborados por Diogo Pires-o-Moço e o túmulo de João da Silva sob desenho de João de Ruão, na sua parte direita. Pelo seu contexto e posicionamento, o retábulo de Chanterene é aquele que maior destaque tem na igreja e que objetivamente pretendeu associar aspetos da vida de São Jerónimo com figurações reais de Aires Gomes da Silva e de sua esposa D. Guiomar de Castro (Henriques, 2006, p. 89-117). A capela dos Reis Magos, construída em pedra de Ançã por volta de 1574, localizada na parte norte da igreja, ao lado do cruzeiro, é caracterizada em boa parte pela sua cúpula hemisférica de quartelas com cornija circular e zimbório central que assegura a excelência da iluminação daquele espaço, de configuração quadrada.

2 | Vista frontal do retábulo da capela-mor e dos monumentos funerários existentes nas laterais.



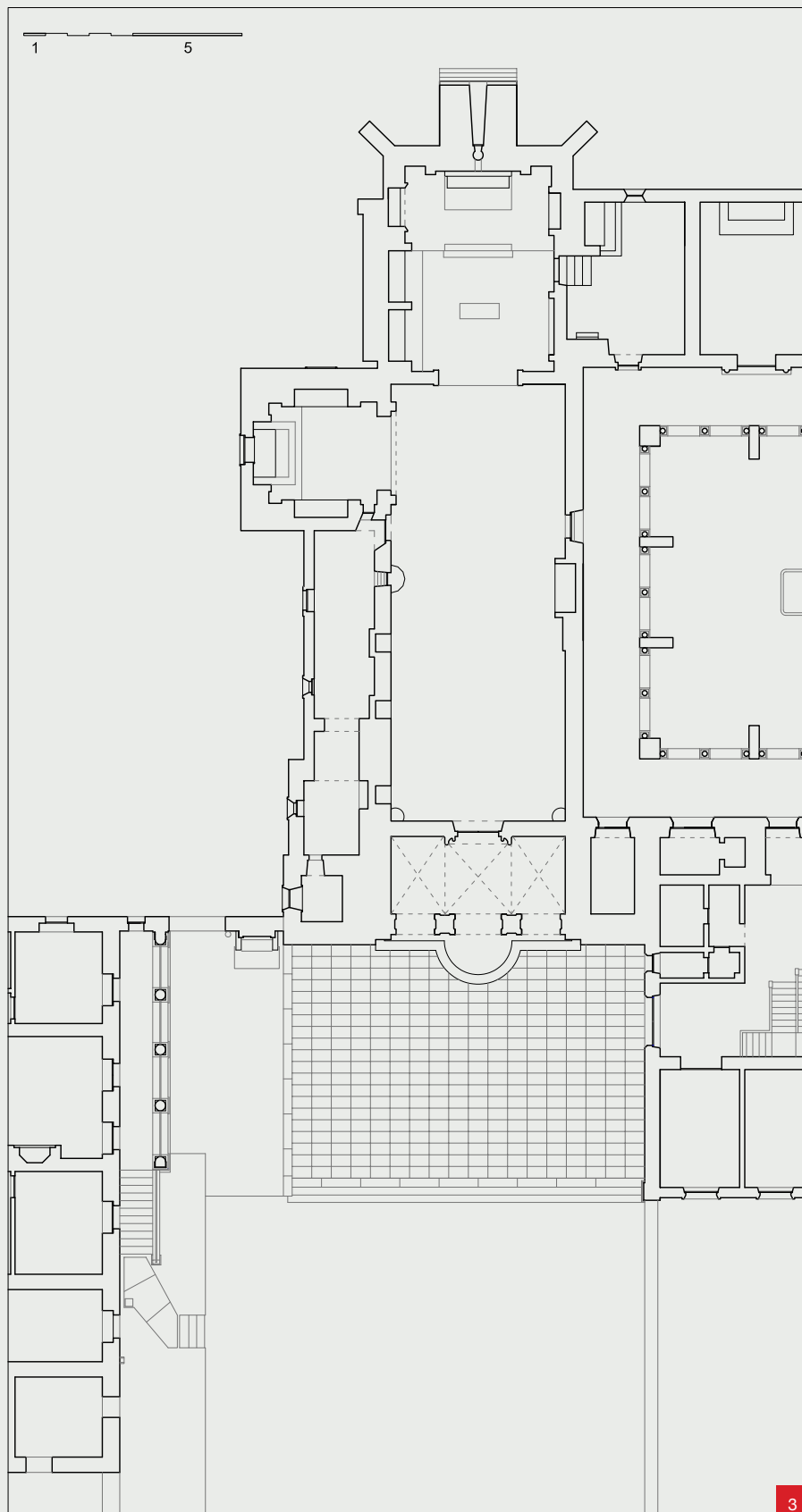
Pelo descrito, dada a riqueza arquitetónica e escultórica daquele lugar, justifica-se o investimento projetado no sentido de dotar o espaço de melhores condições, quer o intuito seja a mera visita, a procura do espaço para meditação ou oração, ou, bem assim, a procura para realização de momentos festivos. Tratando-se de um polo com imensa atratividade, com singular qualidade arquitetónica e beleza ímpares, interessa tirar partido da sua história e, simultaneamente, oferecer narrativas e espacialidades que permitam tornar momentos singulares em acontecimentos épicos e inesquecíveis.

### A INTERVENÇÃO

Esta obra, concluída no início de 2019, visou a recuperação da Igreja do antigo Mosteiro de São Marcos, o claustro, o terreiro defronte da fachada do templo, a fachada da casa da Botica e a resolução pontual de caixilharias e de coberturas no edifício do atual palácio. Para a definição do projeto e clarificação do âmbito da qualificação dos espaços tendo em consideração a priorização da Igreja, foi estabelecida uma equipa eclética constituída por Fernando Marques (engenheiro civil e especialista em conservação e restauro arquitetónico pelo ICCROM), César Cerqueira (arquiteto), Sónia Filipe (arqueóloga), coordenada por Vítor Murinho (arquiteto e vice-reitor à data).

Assumida a necessidade de reabilitação do conjunto arquitetónico do Palácio de São Marcos, os limites e o âmbito da intervenção foram definidos a partir de um levantamento de necessidades elaborado pela DRCC, que deu origem a um valor elegível de € 400 000,00, sendo 85% comparticipado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa Operacional do Centro (CENTRO 2020), numa lógica de conservação, promoção e desenvolvimento do património cultural. Os princípios orientadores, criteriosamente implementados em obra, foram sempre no sentido de uma intervenção mínima, independentemente da natureza dos materiais de suporte, tentando ao máximo preservar os elementos preexistentes, garantindo-se uma autenticidade dos materiais constituintes, da volumetria e da imagem (figura 3). Todos os materiais utilizados e as metodologias construtivas implementadas tiveram sempre presente a garantia da sua compatibilidade com as estruturas preexistentes. Qualquer substituição consti-

3 | Planta do conjunto edificado: Igreja (centro), Casa da Botica (esquerda) e Palácio (direita).





4



5

tuiu sempre um último recurso na medida em que, como metodologia sistemática e primordial, foi assegurada a preservação dos materiais e estruturas locais, pelo que qualquer substituição ou reparação teve como princípio orientador a necessária capacidade de reversibilidade. Globalmente, tirando a resolução de patologias localizadas, os trabalhos nos diversos planos de parede foram essencialmente de recuperação de rebocos e dos estanhados de cal, com sistemática caiação das superfícies tanto nas paredes como nas abóbadas da igreja e no claustro. Destaca-se a intervenção específica no portal principal da igreja, em pedra de Ançã, o qual foi objeto de consolidação superficial e em profundidade. Também na torre sineira se tornou necessária uma intervenção adequada em face das inúmeras fraturas provocadas pelos espigões metálicos de ligação vertical dos blocos calcários. A oxidação e o consequente aumento de volume dos elementos metálicos provocaram fraturas e iminentes destacamentos de porções significativas de material pétreo (figuras 4 e 5). Ainda na igreja foi metodologicamente feita a limpeza e consolidação dos diferentes panos azulejares existentes no seu interior.

No caso dos arranjos exteriores, tendo como propósito a melhoria das condições de fruição dos espaços, bem como a valorização do património arquitetónico, optou-

-se pela requalificação do extenso pátio defronte da igreja, muito marcado pelos muros altos que o definem e pela imponente alameda de plátanos que o caracteriza. A metodologia aplicada passou pela regularização do pavimento através de recarga de saibro e resolução pontual de drenagens. Complementarmente existia o apontamento de um adro, incompleto, adjacente à entrada principal da igreja. Neste espaço, interessou o investimento na teatralização do terreiro com valorização das entradas através da inserção de um lajeado quadrado de dimensões generosas em pedra, com orientação que permitisse a absorção dos diferentes alinhamentos existentes e que não respeitavam nem princípios de paralelismo nem de ortogonalidade. Este aspeto visou colmatar problemas de acessibilidade, de circulação pedonal e automóvel ao conjunto edificado, favorecendo uma melhoria substancial dos revestimentos a que acresceu uma maior qualidade do espaço exterior. O terreiro defronte da igreja, ainda em saibro, apresentava uma enorme irregularidade (figuras 6 e 7). A circunstância de nunca ter sido pavimentado, devia-se certamente, ao uso dado a essa zona, utilizada como necrópole. Talvez devido às características do solo, os enterramentos foram feitos a pouca profundidade. Esta situação, que se desconhecia *a priori*, ainda que potencial-

4 | Pormenor de janela com cantaria fraturada.

5 | Pormenor da cantaria do portal da igreja com fissuração, fraturas e destaque de elementos.

6 | Vista do adro da igreja em saibro.

7 | Vista do adro da igreja em lajeado de pedra calcária.



6



7



mente previsível, obrigou a algumas reformulações na solução construtiva do adro, de modo a preservar os materiais osteológicos humanos *in situ*, mantendo o princípio subjacente de qualificação das condições de acesso ao templo, salvaguardado por um princípio de reversibilidade.

Na fase de projeto, um dos maiores problemas detetados era, sem dúvida, o conjunto de questões relacionadas com as impermeabilizações, sendo de destacar a enorme degradação da estrutura de cobertura da abóbada da igreja, com telhas e madeiramentos em muito mau estado com risco de colapso (figura 8). Quando justificado, optou-se pela substituição da telha e das estruturas de madeira, respeitando princípios construtivos e soluções formais idênticas às preexistentes, de modo preventivo assegurou-se o respeito pelo imóvel e o seu desempenho funcional futuro. Na cobertura da capela dos Reis Magos, dado o risco eminente de infiltrações, introduziu-se uma impermeabilização dos planos inclinados, a que foi acrescido novo revestimento de telha de escama vidrada, assente segundo uma técnica de sobreposição, com coloração e formas idênticas ao preexistente (figura 9).

Durante a fase de diagnóstico havia sido detetada uma fresta longitudinal na abóbada da nave principal da igreja pelo que esta-

va previsto proceder ao seu refechamento. Todavia durante o processo de reabilitação da cobertura e complementarmente de instalação de andaimes interiores verificou-se que para além da fissura ser maior do que o que o previsível, a abóbada apresentava uma enorme deformação, correndo mesmo o risco de colapso (figuras 10 e 11). Essa circunstância conduziu a alguma ponderação e sobretudo à audição de alguns especialistas de modo a encontrar a solução que garantisse qualidade futura e que garantisse maior verdade construtiva. Após discussão e análise de cenários possíveis, a solução implementada foi a desmontagem da parte da abóbada danificada e a sua reconstrução utilizando tecnologia e materiais idênticos aos preexistentes. A análise do extra dorso da abóbada permitiu verificar uma anterior intervenção da DGEMN com a implementação de um lintel ao longo da zona de remate desta com as paredes de alvenaria que definem o polígono principal. Complementarmente, a mesma requalificação havia introduzido uma casca em betão que, respeitando a deformação, era o que garantia, ainda, a estabilidade daquele meio cilindro deformado. Esse peso adicional e a inexistência de qualquer estrutura em aço, tornava muito periclitante a manutenção do conjunto, pelo que se tornava importante repor a forma geométrica da cúpula e normalizar as suas características mecânicas (figura 12).

8 | Vista do estado da estrutura da cobertura da igreja.

9 | Vista da cobertura da Igreja e da Capela dos Reis Magos.

10 | Vista da deformação da abóbada.

11 | Vista da fissuração da abóbada.

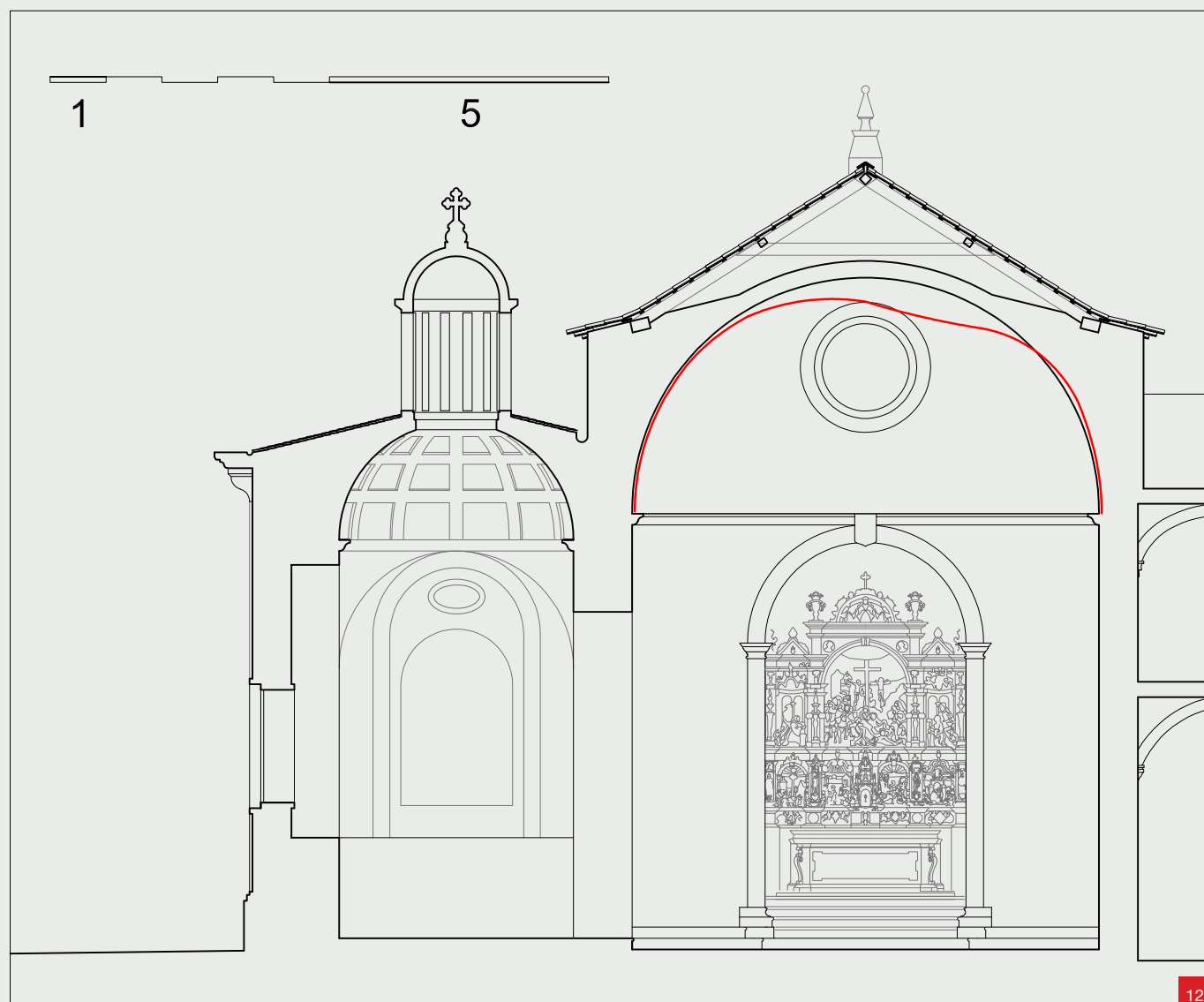
12 | Corte pela nave da igreja com deformação da abóbada e posterior correção da sua geometria.

O conjunto do Retábulo da Lamentação, que remata o altar-mor da igreja hieronimita de São Marcos apresenta uma linguagem marcadamente classizante, com figurações muito verosímeis, possuindo uma espacialidade muito proeminente. Este último efeito é enfatizado através da introdução de vazios que, de modo enfático, acentuam a existência de espaços que ajudam a dar profundidade a toda a encenação. Todavia, no contexto das condições em que se encontrava o retábulo com acumulação excessiva de resíduos de sujidade e poeira, apresentava uma imagem descuidada, fruto de ausência recente de conservação, a que acrescia a circunstância de até muito recentemente existirem vários vidros quebrados ou inexistentes, facilitando a entrada sistemática de pombos e o conseqüente acumular generalizado de excrementos. Durante o processo de limpeza do conjunto e após informação

de Francisco Henriques durante uma visita de especialistas, foi possível constatar a existência de um elaborado circuito definindo vazios e confirmando a existência de um aparato lumínico (figura 13). Na realidade, na fachada posterior do templo, virada a nascente, destacava-se ao centro uma estrutura saliente, aparentando um contraforte, com perfuração central, que estando emparelhada, constituía um obstáculo à iluminação natural do Retábulo da Lamentação. Durante os trabalhos de reabertura do vão nascente existente na estrutura da parede testeira que incluíram a implementação de um caixilho, descobriram-se partes de vidro à cor rubi e azul celeste, bem como perfil recortado em chumbo que possibilitará num futuro próximo reconstituir parte do artifício cénico preexistente, que o frade Adriano Casimiro Oliveira havia descrito, no anos trinta do século XIX, como algo que “fazia brilhar toda

a igreja de tal maneira que parecia que então a ela concorriaõ terem sido transportados às moradas celestiais.” (Carvalho, 1922, p. 32). Confirmou-se ainda que o artifício gnomónico já se encontrava obstruído aquando da passagem do edifício para a Universidade (Gonçalves, 1980, p. 32).

Tanto na igreja como no claustro adjacente (figura 14) foi importante proceder à limpeza da inúmera vegetação infestante e proceder ao controlo da colonização biológica que se desenvolvia sobretudo ao nível das superfícies pétreas e de reboco, principalmente motivada pela ausência sistemática de manutenção e pela excessiva acumulação de humidade em vários pontos nevralgicos (acumulação originada pela falência de zonas de telhado com maior desgaste da camada de proteção, pela falência de juntas ou pelo aparecimento generalizado







13



14

de fissuras). Do conjunto da obra ressaltam as ações de conservação e restauro tendo como objetivo a salvaguarda do imóvel e dos espaços servientes, resultando uma valorização e espaço com melhoria substancial das condições de fruição, aumentando a validade do conjunto (figura 15), fazendo jus à sua condição patrimonial e de Monumento Nacional. Esta intervenção, independentemente de alguns aspetos ter tido necessidade de intervir em profundidade, teve como metodologia geral a manutenção da identidade e personalidade dos espaços. Nunca se cedeu à tentação de apagar, mascarar o passado, mesmo negligenciá-lo, pois o que sempre esteve como motor deste trabalho foi a valorização do conjunto monumental. Assim, manter a pátina que só o tempo confere, deixar o lastro do gasto pelo uso, foi um desígnio constante (figura 16), possibilitando dar sentido ao património edificado, que tanto ontem como hoje mantém um elevado valor intrínseco que se enaltece quando se potencia o usufruto pleno. Espera-se, com esta intervenção, ter contribuído para a revivificação da Igreja e Palácio de São Marcos de Coimbra ■

### NOTAS

1. Foi um arquiteto com alguma relevância nacional, sendo de destacar a coordenação do projeto do Hotel Ritz após a impossibilidade de Pardal Monteiro, em 1956, decorrente de acidentes vasculares cerebrais. Castro Freire obteve o Prémio Valmor em 1970 com o edifício misto de habitação e comércio localizado na Avenida dos E.U.A..
2. Em 22 de março de 1938 através do Decreto n.º 28 536, seria classificada a Capela dos Reis Magos, o retábulo do altar-mor, a sacristia, o claustro, a casa do capítulo e as adegas do Convento.

### BIBLIOGRAFIA

- Barata, A. F. (1878). *Miscellanea Historico-romantica*. Barcelos, Typographia da Aurora do Cavado.
- Borges, N. C. (1987). *Coimbra e Região*. Lisboa, Editorial Presença.
- Carvalho, J. M. T. (1922). *O Mosteiro de S. Marcos*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Gonçalves, A. N. (1980). *O Paço e a Igreja de S. Marcos*. Coimbra, EPARTUR.
- Henriques, F. (2006). *O Retábulo da Pena de Nicolau Chanterene*, dissertação de mestrado em Teorias da Arte. Lisboa, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

13 | Vista do vão reaberto que possibilitará a recriação da iluminação cénica original.

14 | Vista do claustro (antes da intervenção).

15 | Vista geral do conjunto edificado (após intervenção).

16 | Vista interior da Capela dos Reis Magos (após intervenção).



15



16